



# AS PRÁTICAS ESCOLARES MUDARAM (?) E AGORA, PROFESSOR? TEMPOS DE REFLETIR SOBRE EDUCOMUNICAÇÃO E LITERATURA NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Luciana Souza de Oliveira Costa;  
Marieli Paim de Lima; Ana Paula Watrick; Vanice dos Santos.

Universidade do Planalto Catarinense (PPGE/UNIPAC)  
Universidade Federal da Paraíba

## 1. Introdução

2020<sup>1</sup> marcou um ano de mudanças, incertezas, desafios, problemas, busca de soluções, tentativas, erros e acertos. O caos, ao mesmo tempo que tentou derrubar muitos de nós, também instigou ou obrigou a abandonarmos a zona de conforto em que nos abrigávamos outrora.

Em meio a esse acometimento sanitário em toda a sociedade mundial, a trajetória da educação teve uma curva acentuada que bagunçou os rumos de todos os atores do processo. O uso do prefixo *re* foi exaustivamente usado em boa parte dos verbos de ação. Repensar, ressignificar, reestruturar, replanejar, reescrever, reter, recolher, recuperar, restabelecer, repousar... enfim, nos mais variados contextos, mesmo quando não usado como afixo, o *re* se apresentou em palavras como reflexão, estimulando novas formas de pensar, ser, fazer e agir de acordo com a realidade que ora se apresentava – e ainda se apresenta.

Diante desse cenário, colocamo-nos a dialogar sobre pilares que sustentam nossos estudos em educação, quer seja a educomunicação, as mídias digitais ou a literatura: O intuito é inspirar reflexões que contribuam para esse processo de transformação e readaptação das práticas educacionais, principalmente no que tange à relevância da interface entre educação e comunicação nas práticas escolares, bem como do uso consciente, crítico e colaborativo das diversas mídias e da literatura, a partir do desaparecimento do normal que habitava por décadas a rotina escolar.

---

1 Em 31 de dezembro de 2019, a OMS foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. [...] Ao todo, sete coronavírus humanos (HCoVs) já foram identificados. [...] O mais recente, em 11 de fevereiro de 2020, recebeu o nome de SARS-CoV-2. Esse novo coronavírus é responsável por causar a doença COVID-19. (OPAS. Disponível em: <https://www.paho.org/pt>. Acesso em: 13 mar. 2021).

## 2. Contribuições da educomunicação para a nova rotina escolar

A falta que crianças e adolescentes sentiram do convívio escolar ressaltou a necessidade e a importância de interação social, compartilhamento de informações e conhecimentos, possibilidade de se expressar e utilizar as mais diferentes linguagens, encontrar sentido ao estabelecer comunicação, em ser ou se preparar para ser um cidadão ativo. Longe estávamos de ter escolas que apresentassem práticas pautadas em ecossistemas comunicativos<sup>2</sup> Porém, em muitos momentos, ações e situações se apresentavam com grande abertura ao desenvolvimento de práticas que se aproximassem de uma educação comunicativa ou de uma comunicação educativa.

Docentes e discentes, em sua maioria, muito antes do fechamento dos prédios escolares em 2020, já incluíam em suas vidas a tecnicidade de mecanismos de mediação, fazendo uso a partir de suas conveniências, como afirmam Citelli et al. (2019). Contudo, ao direcioná-los aos seus discursos escolares a prática pedagógica do processo de aprender e ensinar, esse uso fica desconexo do contexto em que estamos imersos na atualidade.

Nesse sentido, o que dificulta o processo de ensinar e aprender, a partir dessa perspectiva imposta por questões sanitárias, além da falta de acesso - físico ou virtual - para alguns, está a “capacidade de aguçar a consciência que se elabora e se alarga diante de uma realidade em mutação e no interior da qual são constituídas as significações e os sentidos plasmados pelas linguagens” (*Op cit.*, p. 20), independente de maior ou menor habilidade com os dispositivos para a educação enquanto comunicação que contempla a maioria dos sujeitos envolvidos.

Para uma parte significativa dos educandos, o distanciamento da rotina escolar despertou-lhes mais responsabilidade, autonomia, autoria e protagonismo. Num contraste de possibilidades de acesso, alguns, no conforto de seus lares, estavam em salas de aula virtuais. Os demais, em grande maioria, estavam recebendo atividades impressas entregues pela escola, com a sensação de serem colocados mais uma vez às margens do processo de inclusão de uma educação que proporcione igualdade de acesso ao conhecimento, devido à carência de auxílio e alcance à informação e à pesquisa, ao menos.

---

2 Termo criado por Walter Benjamin, implementado e difundido por Jesús Martín-Barbero. Consiste em ambientes que promovem o desenvolvimento de fluxo comunicacional, diálogo aberto e criativo, construção de conhecimento, ações colaborativas e compartilhamento horizontal de ideias e pensamentos.

Ao evidenciar a disparidade de acesso à difusão tecnológica, nos damos conta de que, mais uma vez, a desigualdade social se sobressai no sistema de educação brasileiro. Ao considerar a busca ou a intenção de uso dos meios tecnológicos para o estabelecimento de ecossistemas comunicativos e as políticas que visam a propagá-los, Martín-Barbero (2011) destacou a dualidade que pode compreender seu processo de aplicabilidade. O autor explica que: “Um dos maiores desafios que o ecossistema comunicativo faz à educação é: ou se dá a sua apropriação pelas majorias ou se dá o reforçamento da divisão social e a exclusão cultural e política que ela produz” (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 132). Fica explícito sua preocupação com relação à linha tênue em que estes sistemas se equilibram para não caírem exatamente no oposto de sua intencionalidade, qual seja a integração inclusiva para todos os sujeitos.

Da mesma forma, percebemos em Kaplún (2011) a consciência com que destaca a relevância dos meios na educação, recebendo-a abertamente, desde que estas estejam a serviço do desenvolvimento do pensamento crítico e criativo que ultrapasse a barreira da racionalidade tecnológica e da transmissão de conteúdos. Reconhece a comunicação e a educação como promotoras “do diálogo e da participação; para gerar e potencializar novos emissores mais que para continuar fazendo crescer a multidão de receptores passivos. Enfim, não meios que falam e sim meios para falar” (KAPLÚN, 2011, p. 184). Potencializar, portanto, falantes ativos, com poder de criticidade, criatividade e, mesmo, resistência à imposição que apenas os excluem dos processos e os tornam figurantes de suas próprias histórias.

Vale salientar que somos sabedores do fato que as tecnologias, por elas mesmas, não são capazes de promover a transformação educacional. Isto porque, como sempre nos enfatizou Freire, os “homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (1987, p.33). Compreende-se, portanto, que a responsabilidade do educar e educar-se está no sujeito e não no objeto que medeia as ações de educação. Ao convidarmos o patrono da educação brasileira a esta confabulação de pensamentos, destacamos a magnitude e atemporalidade de suas contribuições para a realidade que ele apadrinha. Por esta razão, destinamos especial atenção aos seus modos de pensar na sessão que segue.

### **3. Tempos de distanciamento: lições de Paulo Freire**

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. Freire (1967, p. 97). É com essa citação de Freire que queremos contextualizar suas contribuições com esse tempo de pandemia, que permeia a educação e a sociedade como um todo. A coragem tornou-se indispensável para o enfrentamento de desafios tão complexos como os quais estamos vivendo – ou sobrevivendo – nestes dois últimos anos.

Ao olharmos para a trajetória de alfabetização do autor, reconhecemos que poucos objetos eram necessários para criar um ambiente de ensino e aprendizagem, além dos sujeitos e da valorização do contexto em que vivem e das memórias e experiências que carregam consigo. Como ele nos afirma, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção” (FREIRE, 2014, p. 47). Torna-se perceptível, assim, que antes de nos preocuparmos com a forma de acesso do estudante, necessitamos, enquanto educadores, de sensibilidade e empatia para que possamos estabelecer, mesmo a distância, vínculos, relações de identidade e pertencimento com nossos educandos.

Enquanto educador, Freire defendeu a igualdade ao realçar que “o conhecimento se transforma à medida que a realidade também se movimenta e se transforma” (FREIRE, 2011, p. 114). Seu conceito nos faz refletir sobre o contexto que ora se apresenta, pois foi – e continua sendo – preciso repensar e reavaliar as realidades para buscar possibilitar acesso ao conhecimento a todos os educandos, da melhor maneira possível. A esperança trazida por Paulo Freire permite refletir sobre a importância de acreditar nas transformações e possibilidades de mudança e liberação, pois “ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se põe a caminhar” (FREIRE, 2015, p. 79).

Ademais, nessa caminhada podemos contar, com nosso círculo de convivência e interação, sabendo que em espírito solidário e colaborativo podemos chegar mais longe, uma vez que “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 39). O mundo continua sendo nosso meio e embora obstáculos mais robustos se imponham na jornada, maior poderá ser a capacidade de empatia e resiliência dos educadores em busca da desalienação, do rompimento da ingenuidade e das relações autoritárias, da descoisificação dos sujeitos aprendentes e do desenvolvimento de uma consciência crítica.

Para tanto, o autor enfatiza a relevância da leitura crítica, da leitura de mundo. A leitura que se difere de um ato mecânico e memorizador, mas permite ao sujeito perceber-se e perceber o seu entorno, que o conduz, como sugere Freire, a “pensar certo”. Segundo ele, “A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito” (FREIRE, 2014, p. 27).

Abrindo uma janela para a leitura, nós nos debruçamos a perquirir acerca da significância e imprescindibilidade do ato de ler como exercício de subjetividade e sensibilidade enquanto sujeito de uma sociedade conectada mundialmente e, ironicamente por esta razão, isolada do convívio social em função da pandemia.

#### **4. O leitor isolado: entre liberdades e limitações**

A quarentena desestabilizou ainda mais as nossas relações. O isolamento social nos levou à utilização das tecnologias digitais, mas ao contrário do que se poderia pensar, tornou-se “[...] difícil aproveitar o tempo livre para a criação ou para a fruição estética quando se está preso entre quatro paredes e sob o bombardeio constante de explosões de insanidade, sofrimento e violência” (LACERDA, 2020, p. 96). Estamos isolados em unidades.

Logo no início do isolamento social, houve a divulgação de sugestões de leitura por meio da internet, foram promovidas variadas interações culturais. Estas oportunidades, supostamente, possibilitariam o desenvolvimento cultural dos sujeitos e prometiam converter-se em “[...] um período áureo de estímulo ao intelecto e ao espírito. Mas também as artes, aos poucos, foram perdendo a força, deixando de bastar, se é que bastaram em algum momento” (LACERDA, 2020, p. 96). O noticiário ganhou espaço pela cobertura da crise sanitária, que afeta não somente a saúde, mas a educação, a economia, enfim, a sociedade como um todo. Ao prender-se com tais preocupações, o sujeito torna-se limitado, cerceando a liberdade de escolhas de acordo com suas vontades e convicções.

Contudo, a literatura possibilita certas liberdades. É possível a compreensão de que ao ser lido, o texto não se restringe ao sentido que pretendeu o autor, uma vez que: “Toda a história de leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor” (CHARTIER, 1999, p. 77). Para o historiador, não se pode pensar em uma liberdade absoluta, pois ela deriva das capacidades e comportamentos de cada sujeito leitor. O modo e os objetivos com que se toma a leitura são fundamentais a serem considerados.

Ao refletirmos sobre a leitura enquanto ação, é possível o entendimento de que se trata de algo solitário. Isso porque a leitura, de modo geral, pode ser captada a partir da movimentação dos olhos. Mas não se pode dizer que a interpretação ocorre da mesma forma. A leitura converte-se em uma partilha, não restrita ao leitor e autor, mas abarca a sociedade. A construção de sentidos envolve o modo como os sujeitos compreendem o mundo e esta visão não ocorre indiferente ao tempo e espaço, conforme defende Cosson (2018).

Diante da pandemia, não somente o ato das leituras, mas também o leitor se torna mais isolado, sendo possível compará-lo com o leitor solitário do século XVIII, descrito por Chartier (1999). De acordo com o pesquisador, tratava-se de uma versão romântica. O sujeito que lia nos aposentos, afastado dos ambientes mundanos. Embora o motivo seja a pandemia, na atualidade, os leitores, pelo menos em sua maioria, também deixaram de frequentar os ambientes públicos e tornaram-se reclusos em suas residências.

Independentemente do distanciamento físico, o texto pode promover encontros. Entre o autor e o leitor há a partilha e construção de significados, e esta aproxima-

ção com a arte, neste momento de isolamento social pode nos conectar com o mundo externo, tornar-nos mais sensíveis e elevar a nossa condição humana. A literatura “[...] é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente” (CANDIDO, 2011, p. 175).

Nesta construção de significados, além dos aspectos culturais, é salutar pensar sobre o papel da imaginação e a construção da subjetividade. Para Bajour (2017), é fundamental que a leitura permita que o sujeito ultrapasse aquilo que fora exposto no texto. A construção de significados é um exercício social, embora pessoal, que acontece na interação com os outros sujeitos. Esta experiência permite a percepção de nossa incompletude, evidencia a importância de conhecer outros modos de pensar. Permite a construção do seu *eu* desde a percepção do *outro*, segundo reitera Bajour (2017).

Os educandos derivam de uma cultura de linguagens, sendo que a partir das interações com seus pares e com os artefatos culturais partilham experiências e produzem sentidos. As experiências de leitura podem favorecer o alargamento do repertório linguístico ao passo que também contribuem com a ampliação dos horizontes. Desse modo, não se espera que os leitores retirem das narrativas modelos comportamentais, mas que a experiência de leitura lhes torne sujeitos sensíveis e humanizados, capazes de lidar com os desafios impostos pela existência.

## 5. Considerações finais

É chegado o momento em que somos tão aprendentes quanto nossos estudantes. Todos têm o que aprender, assim como ensinar em diferentes perspectivas, dependendo do lugar de fala e escuta de cada um enquanto processo dialógico. E dialogar, em nossa concepção, vai muito além da presença interlocutora de dois sujeitos. Ela transcende tempos, espaços e crenças em busca de construção de novos significados e sentidos. Dialogamos com quem iniciou a interação há décadas e que abriu uma roda de conversa, onde sempre é possível acrescentarmos pensamentos, repensar outros e desconstruir mais alguns.

Antes dos educandos aprenderem mediante as novas realidades apresentadas, os educadores passam a perceber a relevância de formação e re formação. A desconstrução dos conhecimentos, saberes, fazeres e práticas é necessária para que a partir das portas fechadas, seja possível enxergar as múltiplas janelas que podem se abrir, descortinando uma infinidade de possibilidades e novas formas de pensar e agir pedagogicamente.

Ao mesmo tempo, a necessidade de um olhar sensível e humanizado para cada sujeito de aprendizagem – e aqui envolve todos os sujeitos do processo, independente do lugar que se colocam – torna-se mais urgente. O distanciamento exige outras relações de aproximação, atenção, compreensão, conexão, identidade e pertencimento com nossos educandos. Eles necessitam se perceberem parte integrante e integradora do ambiente escolar, nas suas múltiplas possibilidades e dos seus processos de construção de conhecimento.

## Educomunicação em tempos de pandemia As práticas escolares mudaram (?) E agora, professor?

A leitura, mesmo em momentos de solidão, de isolamento, envolve-nos numa trama coletiva; desperta curiosidades; permite-nos interagir com autores e personagens; viajar e conhecer diferentes lugares e pessoas; amplia nosso conhecimento e aguça nossa vontade de saber mais, de aprender mais. A leitura é o compartilhar generoso de quem pensou, estudou, pesquisou ou foi. É a possibilidade de construir suas próprias ideias a partir das ideias dos outros, num diálogo silencioso entre quem escreveu e quem lê.

### Referências

- BAJOUR, C. Literatura, imaginação e silêncio: O não dito como lugar de encontro entre leitores. *Revista Emília*, n. 0, p. 135–154, 2017. Disponível em: [http://revistaemilia.com.br/wp-content/uploads/2019/07/caderno-Em%C3%ADlia\\_0\\_FINAL.pdf](http://revistaemilia.com.br/wp-content/uploads/2019/07/caderno-Em%C3%ADlia_0_FINAL.pdf). Acesso em: 06 mar. 2021.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1999.
- CITELLI, A.; SOARES, I. O.; LOPES, M. I. V. de. Educomunicação: referências para uma construção metodológica. *Revista Comunicação & educação*. v. 24, n. 2., jul/dez 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/165330>. Acesso em: 02 mar. 2021.
- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2018.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. *O caminho*.  
\_\_\_\_\_. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 22 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- KAPLÚN, M. Processos educativos e canais de comunicação. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria C. C. (Orgs.). *Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.
- LACERDA, R. Literatura, pandemia, política e outros bichos. *Revista Emília*, n. 4, p. 95 – 106, 2020. Disponível em: <https://revistaemilia.com.br/wp-content/uploads/2020/06/Caderno-Emilia-4.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2021.
- MARTÍN-BARBERO, J. Desafios culturais: da comunicação à *educomunicação*. In: In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria C. C. (Orgs.). *Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.
- VELASCO, M. T. Q. Aprendizagens na era digital: dentro e fora da escola. *Revista Comunicação & educação*. v. 20, n. 1, p. 63-70, jan/jun 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/84288>. Acesso em: 03 mar. 2021.

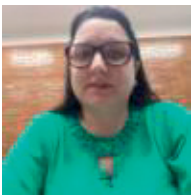
Educomunicação em tempos de pandemia  
As práticas escolares mudaram (?) E agora, professor?



Luciana Souza de Oliveira Costa. Mestre em Educação (UNIPLAC, 2018). Especialista em Língua Inglesa – Tradutor e Intérprete. Professora de Línguas Inglesa e Portuguesa das Redes Municipal de Lages e Estadual de Santa Catarina.



Marieli Paim de Lima. Mestre em Educação (UNIPLAC, 2020). Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica e em Psicopedagogia Institucional. Professora na Rede Municipal de Vacaria/RS.



Ana Paula Waltrick. Mestre em Educação (UNIPLAC, 2021). Especialista em Educação Infantil. Professora do Sistema Municipal de Educação de Lages/SC.



Vanice dos Santos - (UFPB) - Brasil. Professora Adjunta, no Departamento de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutora em Educação (UFRGS), Mestre e Licenciada em Filosofia (UNISINOS). Sócia fundadora da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom) - Regional Santa Catarina. Membro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Integrante do OIEducom - Observatório Ibero-americano de Educomunicação. Experiência na área de Filosofia da Educação e Tecnologias Educacionais, com ênfase em Fundamentos filosóficos da Educação; Políticas educacionais e Educomunicação.